

PLANO REAL 20 ANOS

DUAS DÉCADAS DE HISTÓRIA



1º

de julho de 1994: o Brasil entra na era do real. Era o começo do fim da hiperinflação e o pontapé inicial para o avanço da indústria e dos empregos.



26

de junho de 1994. Para os capixabas, o real, antes mesmo de entrar formalmente em vigor, já mostrava uma vantagem: a de reduzir a inflação.



17

de junho de 1994. A manchete do dia dizia que os supermercados não abririam as portas na véspera da implantação da nova moeda, o real.

PLANO REAL

O LEGADO PARA A ECONOMIA

Moeda e indústria fortes impulsionaram o país

MIKAELLA CAMPOS
mikaella.campos@redgazeta.com.br

Em 1º de julho de 1994, o Brasil começou a escrever uma nova trajetória político, econômica e social com a entrada em vigor do Plano Real. Um país que era sinônimo de hiperinflação, que amedrontava investidores e que não passava credibilidade se tornou alvo do interesse externo, ganhou uma economia mais estável, fortaleceu a indústria, gerou mais empregos e passou a competir por espaço com os grandes no mercado internacional.

As medidas que provocaram essa transformação foram além da criação de uma nova moeda. O real era apenas uma parte de uma série de ações pensadas para proporcionar o desenvolvimento nacional.

Em 20 anos de história, o principal legado desse sistema econômico foi o fim dos períodos conturbados, de inflação nas alturas. O projeto também permitiu o desenvolvimento da indústria, o aumento da compe-



Aviso em supermercado, em julho de 1994, informava mudança para preço em real

titividade no comércio, a elevação do poder de compra da população e o crescimento do consumo.

No ápice da hiperinflação, as famílias não se planejavam financeiramente. Até as crianças viam suas mesadas se desvalorizarem horas depois de recebê-las. E empresas não conseguiam investir na expansão.

Com o real, os empreen-

dedores encontraram ambiente favorável para acessar o crédito, abrir capital e conquistar recursos para fazer os negócios avançarem.

Os benefícios para o setor empresarial são inegáveis. Mas uma categoria que se fortaleceu foi a de consumidores. “O patrimônio do real foi o efeito regulatório sobre os preços. Foi um efeito imediato.

A população teve a chance de saber quanto podia comprar e o que fazer com o salário. Foi algo fundamental para permitir ao brasileiro se planejar, a fazer orçamento familiar. O Código de Defesa do Consumidor foi lançado há quase 25 anos, época quem a hiperinflação não permitia às pessoas terem seus direitos respeitados”, explica

o presidente do Procon Estadual, Paulo Barbosa.

Para um país que viveu a troca de diversos planos econômicos, uma moeda que completa duas décadas de sobrevivência é algo recorde. Contudo, apesar das várias heranças positivas, o Plano Real não está totalmente consolidado.

Especialistas afirmam que a curto prazo a proposta foi vitoriosa, mas, a longo, é necessário que novas reformas sejam feitas para levar o Brasil rumo a um novo patamar. Uma das estratégias necessárias nesse sentido é promover ações para permitir a manutenção do valor aquisitivo do real.

“A estabilização da moeda era apenas uma das reformas. Foi a medida que deu certo, que conseguiu ser implementada. No entanto, a proposta era construir mecanismos para tornar a economia brasileira mais competitiva. Por isso, as ações precisam continuar”, explica o professor da Fucape e doutor em Contabilidade Fernando Galdi.

ADEUS À HIPERINFLAÇÃO

Fim da inflação estratosférica

O conjunto de ações que culminou com o lançamento do real em julho de 1994, no governo de Itamar Franco, foi executado por Fernando Henrique Cardoso, à época ministro da Fazenda, junto a economistas como Pedro Malan, Gustavo Franco, Pêrsio Arida, Clóvis Carvalho e André Lara Rezende.

Questionamentos

A aprovação do plano no Congresso não foi fácil, tendo recebido, na ocasião, forte oposição.

Privatizações

Além da política de desindexação, o processo de estabilização da economia envolveu privatizações em vários setores, venda de bancos estaduais e políticas

monetárias restritivas (aumento de juros).

URV

A primeira fase do Plano Real se concentrou na redução de gastos públicos e no aumento de impostos, como forma de controlar as contas do governo. Em seguida veio a criação da Unidade Real de Valor (URV) como forma de desindexar a economia, até então reajustada pelos

índices de inflação, e quatro meses depois, a criação do real como nova moeda.

Outras fases

Envolveram a redução dos impostos de importação para aumentar a concorrência com os produtos nacionais, provocando a redução dos preços e o controle cambial, mantendo o real valorizado diante ao dólar.

ORGULHO



“O Plano Real trouxe uma moeda forte, que virou símbolo e um orgulho nacional”

PAULO BARBOSA
PRESIDENTE DO PROCON-ES



A inflação nas alturas, encostando no teto da meta do Banco Central, deixa o país vulnerável, correndo risco de voltar a ter uma moeda desvalorizada, corroída pela alta dos preços.

“Não podemos dizer que o dragão (a hiperinflação) morreu. Ele está adormecido. Quando comparamos as taxas de inflação com as de outros países mais desenvolvidos, percebemos que os índices aqui estão altos, no limite. O controle da inflação foi uma vitória importante, mas não podemos permitir que haja retrocesso”.

Um dos conceitos do plano que ainda não está implementado como deveria é o controle das contas públicas. A política fiscal, de acordo com analistas, precisa ser consolidada. O governo, para domar a carestia e levar o país ao crescimento, precisa cortar gastos.

POUPANÇA

No auge da inflação, na década de 1990, ter dinheiro fora do banco não era bom negócio. Todos corriam às agências antes do final do dia, para aplicar religiosamente o que tinham e garantir a correção. Com inflação mensal de até 70%, o dinheiro corria de um dia para outro, e só era possível manter o valor do capital com o overnight.

Para não ver os recursos que tinha derreter, a população também usava a poupança que era indexada a índices do governo.

Hoje, com uma inflação considerada alta para os patamares do Plano Real, poupador e investidor não conseguem valorizar os bens no mesmo ritmo da alta dos preços. Os depósitos na caderneta em 2013, feitos pelas novas regras da poupança, alcançaram rendimento de 5,8% ao ano, perdendo para o IPCA (5,91%).

“Apesar dos escândalos envolvendo certos períodos da poupança, quando o dinheiro foi corrigido abaixo do que deveria, o governo repunha as perdas. No entanto, hoje o correntista vê seu dinheiro encolher”, explica o professor de Economia Paulo Cezar Ribeiro, coordenador do índice de inflação produzido pela faculdade Doctum. (Maíra Mendonça, Rita Bridi e Natália Bourguignon)

QUAL A MAIOR HERANÇA DA REESTRUTURAÇÃO?

“A marca do Plano Real é a moeda estável”

Nery De Rossi
Secretário de Desenvolvimento



“A marca que ficou do Plano Real é a estabilização da moeda. O processo de ajuste da economia, e consequentemente dos preços, pôs fim a uma série de tentativas, via planos econômicos, que levavam a resultados sempre danosos, principalmente para a população de menor renda. No segmento empresarial, a estabilização permitiu a montagem de peças orçamentárias, principalmente as voltadas para o planejamento, com características de moeda estável”.

“A recuperação da credibilidade da moeda nacional”

Carlo Fornazier
Presidente da CDL Vitória



“O Plano Real foi o responsável pela recuperação da credibilidade da moeda nacional. Ele transformou positivamente a vida dos brasileiros, pois colocou fim à hiperinflação, que destruía o poder de compra e a renda real do trabalhador. Sem dúvida, esse foi o grande avanço que o plano proporcionou ao país”.



“O reordenamento da economia brasileira”

Luiz Wagner Chieppe
Presidente do ES em Ação

“O grande feito do Plano Real foi ter acabado com a hiperinflação. Foi o evento do século XX, pois várias tentativas anteriores, principalmente na década de 80, não lograram êxito, como foi o caso do Plano Cruzado. Hoje, os jovens não têm a menor ideia do que foi conviver com alterações de preços mensais e até diários. Especialmente para a população, a estabilidade econômica viabilizada pelo Plano Real acabou se transformando em ativo permanente”.



“As empresas expandiram seus negócios”

Danielle Quintanilha
Presidente da ABRH-ES

“O Plano Real foi um marco na história política e econômica do Brasil, com reflexo direto em todas as áreas. Quando falamos em mercado de trabalho, a estabilização da economia após a implantação do Real foi um dos grandes legados. Graças a isso, as empresas conseguiram expandir seus negócios, aumentar seu quadro de profissionais e reduzir o desemprego no país”.

“A estabilidade, que se estendeu ao setor agrícola do país”

Maxwel Assis de Souza
Presidente do Incaper



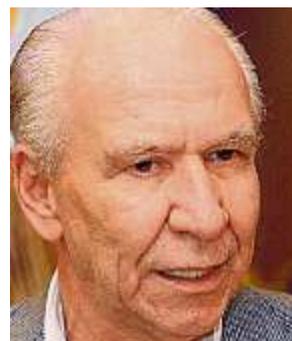
“O Plano Real permitiu a estabilidade econômica e uma melhor distribuição da renda, que também se estendeu ao setor agrícola do país. O aumento do consumo, do acesso e das condições que as classes C e D tiveram geraram a aquisição de bens e alimentos em maior quantidade. Tudo isso resultou em investimentos nas áreas da produção, beneficiamento e comercialização e, consequentemente, na melhor qualidade de vida do brasileiro”.



“Houve grande crescimento das empresas do país”

Paulo Henrique Corrêa
Sócio da Valor Investimentos

“A estabilidade teve impactos muito positivos tanto para a Bolsa de Valores quanto para as empresas nela listadas. Desde 1992, o Ibovespa teve valorização de cerca de 3.685% – naquele ano, estava no patamar de 1,4 mil pontos, e hoje por volta de 53 mil. Além disso houve um grande crescimento das empresas brasileiras, e muitas começaram a se destacar internacionalmente”.



“Mais segurança para empresários e consumidores”

Hélio Schneider
Superintendente da Acaps

“O grande legado do Plano Real é o combate à inflação e a estabilização da moeda e da própria economia. Antes havia uma falta geral de projeção de qualquer empreendedor, pois nós não tínhamos uma previsão futura do que poderia acontecer. A desestabilização comercial era inacreditável. Era uma bola de neve em que todos nos estávamos. O Plano Real trouxe mais segurança tanto para os empresários, quanto para os consumidores”.



“O plano foi bom, mas país precisa voltar a crescer”

Aristóteles Costa Neto
Presidente do Sinduscon

“O aspecto positivo do plano foi produzir estabilidade para o consumidor investir em imóveis, contribuindo para o desenvolvimento do mercado da construção civil. O brasileiro começou a planejar seus investimentos. Antes, era muito inseguro comprar um imóvel devido ao risco dos financiamentos, que ficavam caros de uma hora para outra. O plano foi bom, mas o país precisa voltar a crescer”.

“A economia do país no rumo certo”

Marcos Guerra
Presidente do Sistema Fines



“O Plano Real colocou a economia do país no rumo certo. Foi uma medida bem pensada, com efeitos de curto, médio e longo prazo. O plano mexeu com a estrutura do país e educou o cidadão brasileiro a não aceitar mais a inflação. Ficou marcado na história como um projeto rapidamente abraçado e defendido pela população”.

“O controle do gasto público pode afetar o poder de compra”

Eduardo Reis Araujo
Consultor do Tesouro Estadual



“O sucesso do plano é resultado de uma combinação de medidas. O regime de metas de inflação, iniciado em 1999, teve grande importância. As medidas de controle de gastos públicos começaram por volta de 1993 e se consolidaram com a implantação da Lei de Responsabilidade Fiscal, em 2000. Aprendemos que o controle dos gastos públicos pode afetar o poder de compra das pessoas”.